



ORDEM DOS MÉDICOS
SECÇÃO REGIONAL DO NORTE

concerto de verão

Visitação à
ópera *La Traviata*
de Giuseppe Verdi

12 JULHO 2019 › 21h30

Jardins da SRNOM

SECÇÃO REGIONAL DO NORTE DA ORDEM DOS MÉDICOS

La Traviata

PELO OLHAR DE UM MÉDICO

1.º ACTO

Paris, cidade da luz! Neste início do século XVIII, brilha como as estrelas do céu em ambiente de festa, jogo, bebida e boémia. Eis o palco onde o primeiro acto da ópera *La Traviata* (a leviana) se desenrola. É noite de festa na casa da cortesã Violetta Valéry. A jovem arrasta consigo a doença típica da época (tuberculose).

A vida interior é sempre feita de luz e sombra, esperança e desespero. Face à doença e ao sofrimento ergue-se em cada um o medo da morte. Mas, no homem o sentimento de morte é insuportável. Para dele se libertar, esforça-se por omiti-lo, iludindo-se. O papel do médico neste processo é ajudar o sofredor a encontrar, mesmo na doença, sentido para a vida.

A festa oferecida por Violetta é também uma busca de sentido, talvez pelos caminhos da ilusão. Aproveitando um período favorável dos sintomas o médico reforça-lhe a esperança. Um golpe de luz ilumina-lhe a fresta do futuro. Ela comemora.

Violetta é uma jovem mundana, extraindo da vida os prazeres imediatos, pontuando amores superficiais aqui e ali, ao sabor dos favores e da luxúria. O seu actual amante é o Barão Douphol.

O Conde Gastone, um dos seus muitos amigos, participa na festa acompanhado do nobre Alfredo Germont. Há um ano que Alfredo cultiva uma secreta inclinação afectiva por Violetta. Conhecia a sua doença. Diariamente tentava esconjurar a preocupação e a angústia, abeirando-se secretamente da casa da amada. Gastone sabia-o e denuncia o segredo à sua jovem amiga.

Alfredo admite perante Violetta essa inclinação afectiva, confessando-lhe a robustez da paixão.



Os convidados convidam Alfredo a cantar uma canção de beber, um brinde. Ele aceita.

A doença começava a minar as suas loras na vida de Violetta. Rosto cor de palha e levemente humedecido, olhos profundos, encovados e brilhantes, esgotamento das forças ao ritmo do sol poente, tonturas. Martirizada, suporta como pode o peso dos sintomas.

Cansada, orienta os convidados para outra sala. Descansa um pouco. Olha-se ao espelho e nele vê os sinais da morbidade. Porém, mantém-se erguida pela força da coragem. Agora mais ainda por sentir em Alfredo o primeiro arrebatamento da paixão.

Alfredo, entretanto, aproxima-se e confessa-lhe tê-la visto há um ano, num dia feliz. E, desde então, os seus olhos ficaram amarrados pelos fios do amor a esta imagem.

Violetta, habituada a amores de ocasião, movida pela sinceridade dos anjos, avisa-o da sua incapacidade para responder à paixão com a paixão. Não sabe mover-se em amores profundos. Convida-o então a procurar outra sorte.


Porém, a faísca ignizada neste encontro incendiou qualquer coisa na escuridão do Ser. Qualquer coisa mais do que amizade. E, no sobressalto da vivência, arrancou uma rosa entalada entre os seios e ofereceu-a a Alfredo, pedindo-lhe duas coisas: a devolução da rosa quando murchasse e novo encontro no dia seguinte.

A experiência deste encontro perturbou-a, qualquer coisa de novo e singular lhe partiu a vida num antes e num depois. Um pasmo, um espanto, uma estranheza abalou a sua alma. Lá ao longe, em surdina pelos caminhos, Alfredo canta. ●



2.º ACTO

gnizados pela força telúrica do amor, ao fim de três meses Violetta e Alfredo passam a viver numa casa de campo nos arredores de Paris. Uma vida completamente nova encheu o coração dos jovens, particularmente da moça. A majestade do Ágape ergueu-se da rasteira erótica sensorial até às alturas de espírito. Em Alfredo tal trajecto desenhou-se inteiro a partir da primeira visão... num dia feliz. E ambos cantam a grandeza sublime do amor. Alfredo revela, cantando, a tristeza vivida longe de Violetta. Certo dia, Aninna, a criada de Violetta, confidenciou a Alfredo as pesadas dificuldades da senhora para manter o estilo de vida do casal. Ela própria, Aninna, havia colaborado na venda de cavalos, carruagens e outros bens. Alfredo fica desolado e sai. Parte rumo a Paris, à procura de solução para o aperto económico. Violetta estava só quando lhe chega às mãos um convite de sua amiga Flora Bervoix para participar numa festa em Paris naquela noite. Entretanto, anunciam-lhe Giorgio Germont, pai de Alfredo. Giorgio implora-lhe para abandonar o filho. A presença de Violetta, uma mulher mundana, na vida de Alfredo irá prejudicar irremediavelmente a sorte de sua filha querida, pura como um anjo. A reputação de Violetta, agora enlaçada na sua família através de Alfredo, arrisca seriamente o noivado da filha. Isto diz o velho lembrando a doçura até aí vivida pela família na sua bela Provença. Violetta faz ver a Giorgio a imensurável dimensão do seu amor pelo filho. Mas o velho argumenta: o ácido mortificante do remorso sobre ela cairá se o noivado da filha se desfizer por causa deste enlace. Contrariada, Violetta concorda preferindo o martírio da decapitação do amor à dor mortificante do remorso previsível. O amor sublime por Alfredo justifica a compaixão pela família, concretamente pela irmã do amado. Giorgio, mais que aliviado, fica fascinado, não tanto pela grandeza do sacrifício, mas sobretudo pela nobreza do porte. Tal gesto seria para ele impensável numa simples cortesã. E, pasmado, num acto sublime, beija-lhe a testa. Com a alma a sangrar, Violetta escreve uma carta de despedida a Alfredo e abandona o lar. Parte imediatamente para Paris ao encontro de sua amiga Flora em cuja



casa havia festa nessa noite. Alfredo regressa. Sobre a mesa uma carta a ele dirigida escrita pela amada. Resta-lhe esbarrar com o gélido vazio da solidão. Fica inconsolável. Giorgio Germont, ainda presente, tenta confortá-lo, recordando-lhe o sol da Provença, o mar, a serenidade da terra onde se fez homem. Giorgio sente-se culpado. No entanto pensa ter agido da melhor forma em prol da família. Porém, omitiu ao filho a verdadeira razão da partida da amada. Alfredo admite que Violeta o traiu com o Barão Douphol. O convite para a festa em casa de Flora Bervoix encontrado em cima da mesa reforçou-lhe essa suspeita. ●

3.º ACTO

Paris, casa de Flora Bervoix. A separação de Violeta e Alfredo já consta em casa de Flora. A notícia é vivida por todos os convidados com grande espanto. Alfredo, quer vingar-se de Violetta. Despeitado, correu ao encontro da amada. Chegou primeiro do que ela. Os rogos de Giorgio para impedir tal encontro foram em infrutíferos.

Para receber os convidados havia à entrada da casa um divertido grupo de mascarados, o coro di mattadori di Madrid. Entretanto Violetta chega à festa acompanhada pelo Barão Duphol. Alfredo, assim que os viu, anuncia bem alto a intenção de levar consigo Violetta de volta. Irritado, o Barão senta-se à mesa jogo e propõe-se competir com Alfredo. Aposta forte mas perdeu e Alfredo ganha uma grande soma. Preocupada, Violetta tenta falar com Alfredo a sós, convidando-o a abandonar a festa. Temia o pior, conhecendo ela o íntimo do Barão, sobretudo agora roído de ciúmes. Alfredo quer forçá-la a confessar a verdade. Acha que ela o traiu. Uma profunda alteração tem lugar. Violeta, mentindo, diz amar o barão. Furioso, Alfredo, perante toda a multidão incrédula, atira à cara de Violeta o dinheiro ganho ao jogo com o barão e desafia-o para um duelo. Violeta desmaia. À fragilidade física provocada pela minagem irreversível da doença física, soma-se a minagem da alma provocada pelo vazio afectivo que se instalara. Alfredo é condenado por todos pela sua tremenda deselegância e crueldade. A festa termina. ●

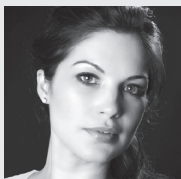


4.º ACTO

Violetta reconhece em si o peso da desgraça: pobre e doente. A tuberculose galopa para o seu destino natural. Vários amigos lhe escrevem. Mas uma carta lhe chama especial atenção. Arrependido por ter colocado Violetta contra Alfredo, Giorgio Germont exprime-lhe o respeito que lhe deve. Alfredo partira para longe após ter ferido o Barão no duelo previamente anunciado. É tarde, lamenta-se Violetta, sabendo o seu destino inexorável. O espectro sinistro da morte ergue-se diante do Ser abrasado pelo lume da tuberculose. Adeus ao passado, canta Violetta, chamando-se a si própria de “Traviada” “transviada”. O desencanto é total e a música exprime essa desolação. Uma das mais belas páginas da história da música. A figura espectral do médico carrega simbolicamente a vida e a morte. A vida, montada na sela da esperança, porém reduzida a um fio a cada instante mais débil. A morte, eleva-se montada na sela de um sonho por sonhar. Breve chegará. A jovem vive uma espécie de expiação da saudade crepitando na fornalha do passado. Aninna, Giorgio e Alfredo regressam. Todos sabem do estado agónico de Violetta. Encorajados pelo transfundo da morte que por ora permite ainda um fio de vida, todos se reconciliam. Violetta e Alfredo fazem planos para o futuro. Para uma vida que eles sabem nunca chegará. A foice inevitável da morte aproxima-se. Violetta sente a frieza cortante do seu gume. Deixa a Alfredo um retrato. Pede-lhe para o entregar à próxima mulher por quem se apaixonar. Subitamente, sente-se melhor, talvez este pedido tivesse um sentido, não para a vida, mas para a morte. A música exprime um enorme paroxismo de tensão neste contraste entre a felicidade perante os alvares da morte e a consternação de todos os presentes. A orquestra grita de terror em notas violentas. Violetta está morta. ●

CARLOS MOTA CARDOSO

BIOGRAFIAS



Cristiana Oliveira

Jovem soprano portuguesa, vencedora de vários prémios internacionais no domínio da interpretação, tem recebido aclamadas críticas na imprensa especializada. Apresentou-se em vários recitais de Lieder em Portugal, Espanha, Itália e Estados Unidos da América, destacando-se neste campo com a interpretação das quatro últimas canções de Richard Strauss. Com um crescente reconhecimento na interpretação de Oratória foi solista no Requiem e Missa da Coroação de Mozart, Oratória de Natal de Saint-Saens, Requiem de Bomtempo, Requiem de Verdi, Stabat Mater de Dvorak, Stabat Mater de Rossini e Requiem de Dvorak. É no entanto na ópera que mais se tem destacado-se, entre outros, nos os papéis de Marie em "La Fille du Regiment" de Donizetti; Madame Cortese em Il Viaggio a Reims de Rossini; Micaela em Carmen de Bizet; Sophie em Werther; Gilda em Rigoletto de Verdi; Violetta em "La Traviata" de Verdi. Nas suas interpretações operáticas teve oportunidade de se apresentar em várias salas e eventos de referencia nacional e internacional, vários festivais em Barcelona, Northwest Opera Ireland, Teatro Nacional de São Carlos, Centro cultural de Belém, Coliseu do Porto, Aula Magna, entre outros, com aclamados maestros e encenadores de renome. ●



Angel Pazos

Tenor, natural de Irún, realiza os seus estudos no Conservatório de Bayona, obtendo medalha de ouro, por unanimidade no curso superior, continuando a especializar-se no CNIPAL de Marselha, e na Opera Studio de Düsseldorf, sob a direção dos maestros: Iñaki Olazábal, Tibere Rafalli, Teresa Zylis-Gara, Regina Resnik, e Mady Mesplé. A sua experiencia com diferentes orquestras europeias: Marselha, Bilbao, Pau, Solingen, etc, permitiu-lhe ter um amplo reportório de Missas e Oratórias, (de Mozart, Verdi, Saint-Saens, Donizetti, Schubert, Rossini, etc..) em festivais e temporadas de toda Europa, em diversos locais como: Catedrais de Chartres, Bordeaux y Pau, Trinité de Paris,

Festival de Antibes, etc. Na ópera desempenha papéis como Ferrando de "Cosi fan tutte" de Mozart, Tamino de "La Flauta Mágica" de Mozart, Valerio de "Il marito disperato" de Cimarosa, Le moine Poète de "Le jongleur de Notre-Dame" de Massenet, Alfredo de "La Traviata", Paco de "La vida Breve" de Falla, Doctor Faust en Faust de Gounod, Don José de "Carmen" Donizetti en Theatre du Passage de Neuchatel, Festival Lago di Garda, Politeama de Bra y Amaia de Irún, Arturo y Edgardo de "Lucia de Lammermoor" de Donizetti en la Opera de Avignon y Amaia de Irun o Des Grieux de "Manon" de Massenet con Opera Eclaté, Rodolfo de "La Boheme" de Puccini en el Amaia de Irún, Ernesto de "Don Pasquale" en Teatro Superga de Nichelino, Consorziiale de Budrio, Toselli de Cuneo, Politeama de Bra y Amaia de Irun, Paris de "La Belle Helene" de Offenbach en el Festival de Bearn-Pyrénées, La Theiére et Le petit vieillard de "L'enfant et les sortilèges" de Ravel y Messaggero de "Aida" de Verdi en la Opera de Düsseldorf y Duisburg asi como "Vicente" en "El Cantor de México" de F.López en el Amaia de Irun, entre muitos outros, em variados locais. Foi também premiado nos Concursos Internacionales de Canto de Cosenza, Irún (Luis Mariano) e Logroño, para além de se especializar desde 1993 no repertório de Luis Mariano, incluindo numerosos recitais e homenagens ao célebre cantor irunés, acompanhado pelo que foi o seu pianista, José Luis Azcue. Também é fundador, criador e director artístico da Asociación Lírica Luis Mariano Irun desde 2004. ●



Luís Rodrigues

Barítono. Estudou no Conservatório Nacional com José Carlos Xavier e na Escola Superior de Música de Lisboa com Helena Pina-Manique. Em 1995 foi laureado com o 1º prémio no II Concurso de Interpretação do Estoril e ganhou, com o pianista David Santos, o Prémio Jovens Músicos da R.D.P. (Música de Câmara). Em 1996 foi vencedor do 4º Concurso de Canto Luísa Todí, e obteve o 2º Prémio no Concours-Festival de la Mélodie Française em Saint-Chamond (França). Já em 1999 foi o vencedor ex-aequo do concurso PoulencPlus (Mélodies de Poulenc) em Nova Iorque. Luís Rodrigues tem-se afirmado no domínio da Ópera com papéis como Harlekin (Ariadne auf Naxos), Ping (Turandot), Figaro (Il barbiere di Siviglia), Guglielmo (Cosi fan tutte), Gianni Schicchi (Gianni Schicchi) e Escamillo (Carmen) no T.N.S.Carlos, Mr. Gedge (Albert Herring) e Eduard (Neues vom Tage) no Teatro Aberto, Semicúpio (Guerras do Alecrim e Mangerona) no Acarte, Teatro da Trindade e Tea-

tro Nacional D. Maria II (Prémio Bordalo da Imprensa 2000 para Música Erudita), Marcello (La Bohème) com o Círculo Português de Ópera e a Orquestra Nacional do Porto no Coliseu desta cidade, Tom (The English Cat) com a Cornucópia e a ONP no Rivoli e T.N.S.C., Guarda Florestal (A Raposinha Matreira) com a Casa da Música no Rivoli, Papageno (A Flauta Mágica), Ramiro (L'Heure Espagnole) e Sumo Sacerdote (Sansão e Dalila - versão de concerto) na Fundação Calouste Gulbenkian, Yoshio (Hanjo) na Culturgest, Arsénio (La Spinalba), Marcaniello (Lo frate innamorato) e Mirénio (Il Tionfo d'Amore) com os Músicos do Tejo no CCB, Giorgio Germont (La Traviata), Iago (Otello) e o papel titular de D. Giovanni com a Orquestra do Norte e Belcore (L'Elisir d'Amore), Figaro (Il barbiere di Siviglia), Escamillo (Carmen) e Carmina Burana com a Eventos Ibéricos e a ON. Como solista de Oratória participou em vários programas com a Orquestra Metropolitana de Lisboa e o coro Lisboa Cantat ou o Coral de S. José (Ponta Delgada), a ONP e o Coro da Sé Catedral do Porto, ou com o Coro e Orquestra Gulbenkian, com quem gravou o "Requiem" de Suppé (Virgin Classics), um "Gloria" de Bomtempo (Strauss-Portugalsom), e o Requiem de Salieri (Pentatone). Intérprete de reconhecida versatilidade, apresenta-se também regularmente em Concerto e em recitais de Música de Câmara. ●

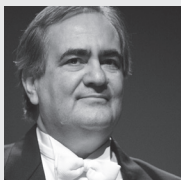


Henrique Silveira

Nasceu em Lisboa em 1965. É compositor, encenador, crítico e professor de matemática no Instituto Superior Técnico da Universidade de Lisboa.

Ensina matemática da música, equações diferenciais e sistemas dinâmicos. Como compositor tem escrito sobretudo composições vocais. A sua ópera, "O Crepúsculo do Crítico", com libreto de Cristina Fernandes, estreou em 2009 em versão de concerto sob a direcção de José Ferreira Lobo. Depois disso teve mais duas apresentações públicas não encenadas. Henrique Silveira encenou esta ópera cómica para orquestra, soprano, barítono e dois actores, pela primeira vez no Coliseu do Porto em 2013. Desde então "O Crepúsculo do Crítico", foi encenada duas mais vezes, em Viseu e em Lisboa, sempre com excelente recepção pelo público. Silveira compôs ainda canções, aberturas, música de câmara e pequenas peças para piano. Adaptou para português a ópera Mozart e Salieri de Rimsky-Korsakov. Como encenador dirigiu, entre outras, as apresentações na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa de Rigoletto de Verdi, Mozart and Salieri, de Rimsky-Korsakov e Carmen de Bizet. Com Ferreira Lobo rea-

lizou e narrou ainda as visitas às óperas de Carmen de Bizet e do Barbeiro de Sevilha. “Os Segredos de Fátima”, uma cantata para soprano, barítono e orquestra, será estreada a 21 de Outubro na cidade polaca de Jarczów. ●



José Ferreira Lobo

Fundador e sócio honorário da Associação Norte Cultural (1992), é autor do projecto vencedor do 1º concurso para criação de Orquestras Regionais, instituído pelo Estado Português. Neste contexto, cria a Orquestra do Norte, de que é Maestro Titular e Director Artístico. Colaborou com artistas consagrados como Krisztof Penderecki, José Carreras, Júlia Hamari, Katia Ricciarelli, Eteri Lamoris, Regis Pasquier, Aiman Mussakajaieva, Patrícia Kopatchinskaya, Michel Lethiec, Adriano Jordão, Pascal Roger, Moura Limpany, Svetla Vasileva, José de Oliveira Lopes, Vincenso Bello, Fiorenza Cossotto entre outros intérpretes de craveira internacional. Da sua carreira destaca-se a direcção de ópera e concertos na África do Sul, Brasil, Alemanha, Austria, China, Coreia do Sul, Chipre, Espanha, EUA, Egipto, França, Holanda, Inglaterra, Grécia, República Checa, Eslováquia, Lituânia, Itália, Letónia, México, Polónia, Roménia, Rússia, Kazaquistão, Suíça, Turquia, Colômbia, Venezuela, Argentina, Uruguay, colaborando com formações de renome como a Manchester Camerata, Orquestra Sinfónica Nacional da Lituânia, Orquestra de Cannes, Orquestra Sinfónica da Galiza, Orquestra Sinfónica de Izmir, Orquestra Filarmónica Checa, Orquestra Sinfónica de Istambul, Orquestra CRR de Istambul, Orquestra da Rádio Televisão de Pequim, Orquestra Sinfónica do Teatro Nacional Cláudio Santoro, Orquestra da Rádio Nacional de Holanda, Orquestra Sinfónica do Estado do México, Filarmónica Artur Rubinstein - Lodz, Orquestra Hermitage de St. Petersburg, Orquestra Sinfónica de Zurique - Tonalle, Sinfonietta Eslovaca, Sinfonia Varsóvia, Orquestra Filarmónica de Montevideo, Orquestra Nacional de Atenas, Seoul Classical Players, Orquestra Sinfónica de Roma, Sinfónica de Berlim, entre outras, bem como a colaboração prestada às Orquestras Portuguesas: Da Madeira, do Algarve, do Porto e Sinfónica Portuguesa. Apresentou-se em algumas das mais importantes salas de espectáculo do mundo, sendo convidado a integrar júris de prestigiados Concursos Internacionais. Dirigiu estreias mundiais de compositores franceses, portugueses, suíços e turcos. Possui um amplo repertório que abrange o clássico e o romântico, passando por trabalhos contemporâneos com destaque para a direcção de ópera. Gravou para a Rádio Televisão e Rádio Difusão Portuguesas e Rádio Suisse

- Romande com a Orquestra do Norte, bem como vários registos audio e vídeo publicados. É Autor e Director Artístico do projecto Ópera no Património - Realizações operáticas no contexto do Património Classificado da UNESCO. ●

ÓPERA

NA ACADEMIA
E NA CIDADE

Criada para a realização de Ópera e Oratória, a Orquestra da Ópera na Academia e na Cidade é dirigida a partir de uma experiência artística feita no contexto nacional e internacional, através de múltiplas participações em produções standard e de novos compositores.

Este background, qualifica-a para a abordagem de toda a música operática e sinfónica, do barroco à atualidade. Colaborou nas produções de: Rossini - Barbeiro de Sevilha, Bizet - Carmen, Visitação à Ópera de Mozart, Tchaikovsky - Eugen Onegin, Verdi - Traviata, Saint-Saïns - Sanção e Dalila e das oratórias: Pergolesi - Stabat Mater, Mozart - Requiem, Brahms - Requiem Alemão, Haydn - A Criação, Jehnkins - Missa para a Paz. No plano pedagógico destaca-se a participação em: O Crepúsculo do Crítico de Henrique Silveira, O Barbeiro de Sevilha de Rossini e Aula de Canto. Da sua programação prevista para 2019/2020, destaca-se a realização de Concertos e Ópera com a colaboração de prestigiados solistas, coros e maestros internacionais, integrando as produções de: Ópera no Património, Concertos de Verão, Ópera na Academia e na Cidade, e a realização de Concertos Didáctico-Pedagógicos. ●

Visitação à ópera *La Traviata* de Giuseppe Verdi

ELENCO:

CRISTIANA OLIVEIRA
Violetta

ANGEL PAZOS
Alfredo

LUÍS RODRIGUES
Giojio Germont

HENRIQUE SILVEIRA
Narração

**ORQUESTRA DA
ÓPERA NA ACADEMIA E NA CIDADE**

JOSÉ FERREIRA LOBO
Direção Musical

PROMOTOR



ORDEM DOS MÉDICOS
SECÇÃO REGIONAL DO NORTE

PRODUÇÃO

ÓPERA
NA ACADEMIA
E NA CIDADE